

UNESP – UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
DCSO – Departamento de Comunicação Social  
FAAC – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação  
Curso de Jornalismo

**MEMORIAL DE PROJETO EXPERIMENTAL**

Homens de Guerra: A História dos Pracinhas de Bauru e Região na  
Segunda Guerra Mundial

Bauru, 2014

Ana Carolina Costa  
Kelly De Conti Rodrigues

## **MEMORIAL DE PROJETO EXPERIMENTAL**

Homens de Guerra: A História dos Pracinhas de Bauru e Região na  
Segunda Guerra Mundial

Memorial de Projeto Experimental apresentado em cumprimento parcial às exigências do Curso de Jornalismo da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, do Departamento de Comunicação Social, da UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo.

Orientador do Projeto Experimental:  
Prof. Dr. Antônio Francisco Magnoni.

Bauru, 2014

**Aos membros da FEB, pela história  
que ajudaram a escrever**

## **Agradecimentos**

Aos meus pais, pelos ensinamentos e palavras de carinho.

Aos amigos Ana Paula, Vania, Gisele, Kleber, Danilo e Izabela, pelo apoio  
incontido.

Aos meus eternos professores, por tudo que formaram e transformaram dentro  
de mim.

Aos companheiros de UNESP, pelos melhores anos da minha vida.

A parceira Kelly, pela amizade e conquistas alcançadas à luz da fé em nossa  
profissão e nos dias que virão.

Ao nosso orientador, pela paciência de sempre.

Ana Carolina Costa

## **Agradecimentos**

A Deus, pela proteção em todos os momentos da minha vida  
Aos meus pais, por todo carinho e força que reservaram a mim  
Aos meus avós, modelos de hombridade, pelos incentivos de cada dia  
Aos amigos, que sempre estiveram presentes e que iluminam meus dias  
Ao nosso orientador, por todos os conselhos e por apostar no nosso trabalho  
Aos professores, por tornarem possível a realização deste trabalho e pelo carinho

Kelly De Conti Rodrigues

“Repito: o diabo, que também estava lá  
(como sempre estive em todas as guerras),  
é testemunha de que não foi um passeio.  
Não foi mesmo”

**Joel Silveira**

## **Sumário**

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>7</b>
<b>1.PRODUTO JORNALÍSTICO</b> .....	<b>14</b>
1.1 Público alvo .....	14
1.2 Projeto gráfico-editorial.....	14
1.3 Descrição do produto.....	18
1.4 Circulação e lançamento.....	22
1.5 Fontes e entrevistados.....	23
1.6 Equipamentos utilizados e custos .....	26
1.7 Atividades desenvolvidas .....	27
<b>2.COMENTÁRIOS</b> .....	<b>28</b>
2.1 Dificuldades encontradas.....	28
2.2 Considerações finais .....	29
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>32</b>



## INTRODUÇÃO

As atividades jornalísticas difundidas por diversos meios e tipos de linguagens são algumas das principais representações culturais que caracterizam o trajeto histórico das sociedades modernas e urbano-industriais. O desenvolvimento das técnicas e práticas noticiosas progrediu nas mais diversas regiões desde meados do século XIX, sempre conduzido pelo avanço da industrialização dos meios e dos modos de produção e pelo crescimento das populações urbanas. O modo de vida moderno exigiu a criação de sistemas de comunicação abrangentes e simultâneos, com recursos capazes de acompanhar e de relatar continuamente os acontecimentos cotidianos, especialmente os de interesse dos setores dominantes, mas que sempre despertaram a curiosidade das diversas camadas sociais.

Assim, a imprensa publicitária começou a se estruturar profissionalmente desde o final da primeira revolução industrial. Durante as primeiras décadas do século XX, o desenvolvimento dos sistemas de comunicação midiática tomou impulso com a organização comercial de grandes jornais diários, dos serviços públicos e privados de telefonia e de telegrafia, da indústria fonográfica e do cinema. Na década de 1920, a implantação de sistemas nacionais de radiodifusão civil foi registrada em quase todos os continentes.

Os meios de comunicação constituíram uma pujante indústria simbólica e também possibilitaram a produção de um imenso acervo cotidiano de registros históricos. Afinal, eles constituem uma das principais ferramentas de relato e de documentação da vida e da história contemporânea, uma condição que não restringe o trabalho jornalístico ao mero registro factual dos eventos mundiais, nacionais ou locais. Os jornalistas se debatem diariamente numa tentativa contínua de reproduzir, midiaticamente, as diversas realidades com que se deparam na árdua tarefa de realizar as coberturas dos fatos de maneira fidedigna. Assim, investidos da condição de testemunhas voluntárias dos fatos, muitas vezes penam para colocar em perspectiva os acontecimentos, assumindo o compromisso de situá-los para o público, com todas as versões e nuances verossímeis.

Este trabalho busca justamente se alinhar a essa segunda vertente e, para isso, se propôs a lançar mais um olhar sobre um dos mais importantes acontecimentos do século vinte: a Segunda Guerra Mundial. Por esse motivo, este Projeto de Conclusão de Curso foi idealizado como um especial multimídia, formato derivado da grande reportagem, com a qual se assemelha pela capacidade de agregar profundidade de conteúdo, ao contrário de outros gêneros jornalísticos que exigem velocidade na apuração, como as notas e notícias factuais, a exemplo do que destaca Vilas Boas (1996, p. 43):

A reportagem é uma notícia, mas não uma notícia qualquer. É uma notícia avançada na medida em que sua importância é projetada em múltiplas versões, ângulos e indagações. Ao valorizar a notícia, a reportagem revitaliza o estilo jornalístico, soltando um pouco as amarras da padronização. Uma boa reportagem não deve abrir mão de pesquisa, sob pena de alterar o espírito de investigação, curiosidade, desafio e surpresa, que estão acima de tudo.

O conteúdo trabalhado ao longo da reportagem incorpora essa perspectiva e reforça o papel que esse tipo de produção pode desempenhar no âmbito social. Quando cita Todorov para evidenciar que o trabalho de construção da memória se estrutura em torno de duas premissas principais (a fidelidade para com o passado e a utilidade para o presente), Casadei (2010, p.14) não deixa de resvalar no papel do jornalismo enquanto agente mediador entre duas esferas temporais. Especialmente por se revestir de um ato comunicacional envolto de sentidos e significados, capazes de situar o público ante os desdobramentos históricos de um acontecimento.

Por se tratar de uma questão comunicacional, portanto, a transmissão do passado ligada à memória coletiva e à história também diz respeito, obviamente, a uma problemática de linguagem, estando relacionada mesmo à forma como os homens imprimem sentido ao mundo. Trata-se de um problema que não pode ser separado dos processos de semantização dos acontecimentos. E, neste campo, isso significa adotar uma lógica circular a partir da qual o passado é tomado como um guia para o presente ao mesmo tempo em que é este próprio presente quem o atualiza e constrói. (CASADEI, 2010, p.14).

Certamente, a imersão jornalística destoa do trabalho historiográfico e todos os dilemas teóricos e epistemológicos inerentes a ele. Isso, no entanto, não diminui a importância do acúmulo de informações que ela é capaz de proporcionar e dos efeitos gerados pelas narrativas que cria e são empregadas na construção dessas memórias. Por organizar um conjunto de eventos, conferindo-lhes sentido, e pelas implicações sociais desse processo que faz nascer meios de nos relacionarmos com o mundo de outrora e

agora. O que, segundo Casadei (2010, p.16), está atrelado à modulação dos enredos proporcionada pelas narrativas.

Nesse sentido, a reportagem jornalística e toda técnica implícita a ela têm um rico material à sua disposição na medida em que trata de um tema como a Segunda Guerra Mundial. Ainda mais quando foca a participação brasileira no conflito armado, já que na história oficial (ou narrativa oficial) levada para as salas de aula, o assunto fica delegado a um segundo plano. Ao discorrer sobre a relação entre os usos do passado e os meios de comunicação, Barbosa (2008, p. 84) explora algumas dimensões desse importante processo de resgate histórico:

Há que se considerar que os meios de comunicação usam os rastros e vestígios que chegam do passado ao presente para fornecer um contraponto à necessidade permanente de inserção na atualidade do mundo. O que estamos enfatizando, portanto, é que o uso do passado – nas retrospectivas, nas comemorações, nos textos informativos que relembrem eventos semelhantes ocorridos no passado e nos textos com caráter ficcional, entre outras tantas formas de apropriação – está afeito a múltiplas tipologias textuais e não é uma dimensão visível apenas no mundo contemporâneo.

Por isso, ao se atentar à série de acontecimentos desenrolados a partir do momento que o Ministro de Estado da Guerra do Governo de Getúlio Vargas, General Eurico Gaspar Dutra, expediu o documento oficial que viabilizava a criação da Força Expedicionária Brasileira (FEB) para lutar ao lado dos norte-americanos contra as forças do Eixo na Europa, a reportagem faz valer a premissa por trás do jornalismo de responsabilidade social, calcado no interesse público. Em primeiro lugar, por selar essa ligação entre passado e presente, tão essencial para situar um fato em seu contexto, ligá-lo às consequências que traz em outros momentos históricos e mostrar como se encontram os conhecimentos acerca dele na contemporaneidade. Em segundo lugar, pela possibilidade de resgatar as memórias de homens comuns que fizeram parte dessa história. Homens que fizeram do Brasil a primeira nação sul-americana a lutar numa guerra em território europeu, compondo o contexto por trás desse feito, como também revelam o fator humano implícito a ele. Afinal, foram os 25.334 membros da FEB que atravessaram o Oceano Atlântico rumo aos campos de batalha italianos e vivenciaram de perto as angústias e os desdobramentos da guerra. Guerra cujas articulações situavam o Brasil como uma imprescindível peça no tabuleiro de ações e cooperações já no final dos anos 1930.

Nas primeiras semanas de 1942, parecia não existir um consenso entre as lideranças civis e militares brasileiras sobre a atitude que o país deveria tomar frente ao conflito mundial, mas essa indecisão não foi exclusividade nossa, visto que mesmo nos Estados Unidos havia até então uma corrente que discordava da participação na guerra contra a Alemanha, vista como um baluarte frente à ameaça soviética. Entretanto, essas diferenças foram rapidamente contornadas e em 28 de janeiro de 1942, seguindo as orientações da 3ª Reunião de Consultas dos ministros das Relações Exteriores no Rio de Janeiro, o Brasil rompeu relações diplomáticas com os países do Eixo. (SALUN, 2012, p.9)

Nos primeiros anos da década de 1940, a articulação política que culminaria na criação da FEB e levaria à consolidação desse cenário mostrava seus primeiros sinais, com o Governo do então presidente norte-americano Franklin Delano Roosevelt exercendo segundas pressões diplomáticas reivindicando a liberação do uso dos portos e aeroportos do Nordeste brasileiro, considerados estratégicos para a defesa do Atlântico Sul contra as forças nazistas e para as operações de combate que se desenrolavam no norte da África. No entanto, o país manteria sua neutralidade perante o conflito até meados de 1942, quando navios mercantes brasileiros foram torpedeados por submarinos alemães, provocando a morte de centenas de pessoas. Acontecimento que, ao lado de interesses político-econômicos e o receio do Governo Vargas ante uma possível insurreição da quinta-coluna no país (célula do Partido Nacional-Socialista Alemão que atuava em países em guerra, ou em vias de entrar em guerra, preparando ajuda em caso de invasão ou fazendo espionagem e propaganda em favor do Eixo - Alemanha, Itália e Japão), levaria o Brasil a assumir um lado no conflito. O lado dos Aliados (Estados Unidos, França e Império Britânico).

[...] os vis torpedeamentos de embarcações nacionais por submarinos alemães serviram para sensibilizar mais uma vez o caráter sentimentalista do povo brasileiro e corroborar uma atitude que o governo já havia decidido tomar, principalmente se se levar em consideração que dentre as vítimas, que ascenderam a mais de seiscentas, contavam-se, inclusive, crianças (LINS, 1975, p. 52)

A resolução seria seguida pela instalação, no Rio Grande do Norte, da base aérea de Parnamirim, considerada na época um símbolo da defesa do Hemisfério Ocidental e a maior base militar norte-americana fora do território dos Estados Unidos, e pela consolidação de bases navais em vários pontos do litoral brasileiro, destacando-se a capital pernambucana de Recife como centro do Comando do Atlântico Sul. No entanto,

Lins (1975, p. 47) aponta que uma série de interesses elevariam a participação brasileira na guerra a um novo nível no final de 1942, após as baixas do Marechal Rommel, comandante do destacamento alemão AfrikaKorps na África do Norte, onde auxiliava as forças italianas a enfrentar o exército britânico:

O argumento que passou a ser utilizado frequentemente pelos diplomatas norte-americanos junto à Comissão Mista Brasil-Estados Unidos, em fins de 1942, foi o de que uma vez passado o perigo de uma ação imediata e concreta das forças do Eixo sobre o centro de defesa continental, ou seja, o Nordeste brasileiro, não haveria mais razões ponderáveis de continuar com o mesmo ritmo de atendimento àquelas bases aéreas e navais. Antes, porém, aquele reduto deveria ser transformado em forças capazes de atuar “com os aliados, na ofensiva, contra os exércitos inimigos, na Europa...”

A Portaria Ministerial nº 47-44, publicada no dia 9 de agosto de 1943, aprovaria instruções aos comandantes das 1ª, 2ª, 4ª e 9ª Regiões Militares e às Diretorias das Armas, de Material Bélico, de Saúde, de Engenharia, de Moto-Mecanização e de Intendência para a criação da FEB. Seu comando foi entregue ao General João Batista Mascarenhas de Moraes. Direcionados para os campos de batalha italianos, os cinco escalões brasileiros, que embarcaram para terras europeias em navios norte-americanos, foram incorporados à 5ª Companhia do Exército Americano (integrante do décimo Grupo de Exércitos Aliados) e tinham a missão de impedir o deslocamento alemão para a França, onde se preparava a ofensiva final das forças aliadas. E foi o que fizeram, enfrentado um inverno rigoroso, um ambiente hostil e, muitas vezes, a falta de preparo militar. Fatores que marcaram as histórias dos soldados brasileiros empreendidos na campanha histórica. Brasileiros provenientes de todas as regiões do Brasil e representantes de todas as etnias presentes na sociedade brasileira, segundo Silva e Foly (2013, p. 24). Homens cujas trajetórias pessoais foram propulsoras desta reportagem.

Para a escolha da temática, dois fatores foram elementos chave: a comemoração dos 70 anos do embarque do primeiro escalão da FEB para a Itália e o pouco aprofundamento dado pelos veículos de comunicação às histórias dos ex-combatentes da região de Bauru, constatada após pesquisa nos principais jornais e emissoras locais. O objetivo geral foi construir uma reportagem que utiliza a web como plataforma e diferentes recursos textuais, sonoros e visuais para compor o conteúdo. Mais especificamente, o intuito é refletir sobre possíveis construções de narrativas e linguagens capazes de criar intercâmbios que permitam que esses diferentes recursos

sejam complementares entre si. Este trabalho também traz como meta a ampliação do conhecimento a respeito de todo esse cenário acerca da participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial e a promoção do resgate das histórias de homens cuja memória está prestes a se perder, seja pela idade ou pelo esquecimento que a grande mídia e a sociedade lhes reservam. O que ocorre especialmente com os veteranos que vivem em cidades interioranas, os quais, muitas vezes, são desconhecidos dentro de suas próprias comunidades.

Tal situação de esquecimento também contribui para o desaparecimento de um importante capítulo da história brasileira, por isso a decisão de assumir como ponto central da narrativa os depoimentos e experiências de ex-combatentes da FEB oriundos de Bauru (SP) e municípios de sua região (Agudos, Lençóis Paulista e Macatuba). Acima de tudo, o propósito firmado é disponibilizar o material como uma fonte de pesquisa capaz de abarcar tanto a curiosidade de quem nunca teve contato com o tema quanto oferecer algo de novo a alguém já familiarizado com ele.

Para o entendimento dos contextos históricos envolvidos, foi necessária a realização de pesquisa bibliográfica e também histórica, nas quais estão inclusos livros e documentos que tratam do período em questão. Outros materiais como documentários e entrevistas com historiadores especialistas no tema também contribuíram significativamente. Por meio dessas pesquisas, ficou evidente que o teor político por trás do conflito que opunha os Aliados (liderados pela União Soviética, os Estados Unidos e o Império Britânico) e as forças do Eixo (Alemanha, Itália e Japão) é um rico objeto de análise, até mesmo pela ambiguidade inerente aos acontecimentos que antecederam e sucederam o ingresso do Brasil na guerra. Eles também contribuíram para o conhecimento de diversas visões sobre o tema, com alguns apontamentos que defendem a importância estratégica do Brasil no conflito e outros que questionam a relevância dessa história.

O intuito de trabalhar com algo novo também se evidencia na opção por conservar tal objetivo na estrutura da matéria. Ou seja, a meta foi explorar ao máximo a plataforma escolhida para a disponibilização do conteúdo com base em novos modelos de reportagens especiais que utilizam recursos que aproveitam as características da web e que apenas agora começam a conquistar espaço no Brasil, como verificado em

produções do Zero Hora<sup>1</sup> e da Folha de São Paulo<sup>2</sup>. Portanto, essa é a principal contribuição deste trabalho em termos de linguagem e narrativa jornalísticas e, conseqüentemente, também para a área da Comunicação.

Entre as bases que nortearam a exploração desse formato de reportagem está o recente trabalho desenvolvido pelo *New York Times* com a reportagem multimídia “Snow Fall - The Avalanche at Tunnel Creek”<sup>3</sup>, vencedora do prêmio *Peabody* para rádio e televisão. Composta por seis blocos e estruturada com gráficos interativos, vídeos e textos, a matéria de John Branch conta a história de 16 esquiadores apanhados numa avalanche em Setevens Pass (estado de Washington), no dia 19 de fevereiro de 2013. Com 3,5 milhões de *page views* nos primeiros seis dias após sua publicação, a matéria teve excelente aceitação por parte do público e da crítica, tornando-se um marco, como expõe Om Malik em artigo publicado no Observatório da Imprensa em maio de 2013.

Se alguma vez eu me encontrar com a editora-executiva do *New York Times*, Jill Abramson (por mais inverossímil que isso possa parecer), eu lhe direi, com certeza, que ela tinha toda a razão de estar excitada com o que seu jornal fez com o projeto “Snow Fall”, que em minha opinião foi uma das primeiras experiências de contar histórias verdadeiramente pós-*tablet*. Na conferência sobre Negócios a Cabo, realizada em Nova York no início desta semana [passada], Jill Abramson disse: “„Snow Fall“ agora é um verbo. Todo mundo agora quer *snow fall*, todos os dias, por todo o lado”. Os repórteres estão aguardando para poder *snow fall* sua grande matéria. Ela disse que a ideia nasceu na editoria de esportes – e levou “meses e meses e meses” para se materializar –, mas projetos do tipo podem vir de qualquer lugar.

Além dos exemplos práticos, ainda houve a necessidade de estudar pesquisas científicas que trabalham com as particularidades desse meio. Os principais referenciais práticos e teóricos, as reflexões originadas a partir deles, a forma como contribuíram para a composição deste trabalho e as dificuldades encontradas durante sua execução encontram-se descritos no Capítulo 2 deste relatório, no qual se apresentam cada um dos elementos que compõe a reportagem.

---

<sup>1</sup> Disponível em: [www.clicrbs.com.br/zerohora/swf/infiltrados](http://www.clicrbs.com.br/zerohora/swf/infiltrados)

<sup>2</sup> Disponível em: [arte.folha.uol.com.br/especiais/2013/12/16/belo-monte](http://arte.folha.uol.com.br/especiais/2013/12/16/belo-monte)

<sup>3</sup> Disponível em: [www.nytimes.com/projects/2012/snow-fall](http://www.nytimes.com/projects/2012/snow-fall)

# 1 PRODUTO JORNALÍSTICO

## 1.1 Público alvo

O público alvo compõe-se pelos habitantes de Bauru e região, já que o foco principal do especial multimídia encontra-se nos ex-combatentes dessa localidade. Entre os grupos a serem alcançados também estão pessoas que se interessam pelos temas envolvidos na reportagem, como a Segunda Guerra Mundial, a participação do Brasil no conflito e a história militar do país.

A faixa etária esperada para este produto encontra-se na média de 15 a 40 anos, ou seja, jovens e adultos. Já o estrado social estimado contempla as classes A, B e C. Tal expectativa se deve ao fato de se tratar de uma temática mais densa e também em função da média de idade dos usuários da internet no Brasil.

A fatia dos 15 aos 20 anos poderá ter interesse em acessar o conteúdo pela possibilidade de conhecer o formato multimídia e pela temática focar um momento histórico que costuma ser tratado nas escolas, sobretudo no Ensino Médio.

Outro ponto importante é que, considerando a divisão por décadas, a faixa dos 20 aos 29 e dos 30 aos 39 anos são as duas que concentram a maior parte dos usuários de internet no Brasil, com 28% e 21%, respectivamente<sup>4</sup>. Portanto, por ser uma faixa etária que possui mais chances de se sentir atraída pelo tema em função da maturidade e que contempla grande quantidade de usuários navegando na internet, a construção do conteúdo e também do planejamento gráfico-editorial foi norteadas pelas características desse público-alvo.

## 1.2 Projeto Gráfico-editorial

Por se tratar de uma reportagem criada para celebrar os 70 anos do embarque do primeiro escalão da Força Expedicionária Brasileira (FEB) para a Itália, este produto se

---

<sup>4</sup> Estatísticas trazidas pelo Mídia Dados Brasil 2013. Disponível em: <http://midadadosrdp.digitalpages.com.br/html/reader/119/15659>

exime de promover qualquer aprofundamento no sentido de discutir os méritos ou deméritos da participação brasileira na Segunda Guerra Mundial.

A título de conhecimento, vale ressaltar que a despeito da polarização de opiniões em torno do assunto, Silva e Foly (2013, p. 28) afirmam que mesmo suas conquistas tendo sido dignas de honrar os feitos históricos de qualquer nação, a participação da FEB no conflito “não foi decisiva para o desfecho da guerra e não poderia ser diferente, pois era apenas uma Divisão de Infantaria lutando na Itália”. Por outro lado, Moraes (1984) destaca que o Exército dos Estados Unidos havia reduzido seus efetivos na frente de batalha italiana e que, portanto, precisavam de auxílio em função do planejamento do Alto Comando Aliado, o qual determinava àquele comando a missão de fixar as forças alemãs na península italiana, impedindo-as de reforçar a frente de combate na Normandia. Dessa forma, a chegada dos soldados brasileiros teria ocorrido em um momento decisivo para ajudar a evitar uma virada dos alemães.

Neste produto, não se busca defender uma das posições. A ideia é tratar esse fato como um tema que deve ser rememorado enquanto evento histórico e capítulo da vida de milhares de brasileiros que presenciaram de perto o desenrolar do maior conflito armado do século vinte.

O propósito de trazer ao conhecimento público os desdobramentos desse evento no âmbito de Bauru e região, dando destaque especial aos pracinhas que nasceram e viveram nessas localidades, vem reforçar a linha editorial assumida. Por isso, ao longo da reportagem, o uso de expressões como "guerreiros" para qualificar os expedicionários e mesmo a forma como seus perfis foram moldados revelam o caráter comemorativo da matéria, que conserva sua objetividade na apuração e exposição dos fatos, mas não deixa de assumir uma vertente literária ao longo desse processo.

Como o foco da produção é conseguir se tornar numa fonte de pesquisa capaz de abarcar tanto a curiosidade de quem nunca teve contato com o tema quanto oferecer algo de novo a alguém já familiarizado com ele, como mencionado na introdução do relatório, a reportagem parte de um conteúdo que destaca aspectos gerais do assunto e, em um segundo momento, afunila-o em temáticas que aprofundam determinadas informações. Isso acaba resvalando na própria característica dos textos, idealizados como estrutura primária desta peça jornalística, em torno da qual os recursos multimidiáticos se acoplam.

As sessões "A Cobra Fumou", "Curiosidades" e "Memória Viva", por exemplo, são compostas por textos mais pragmáticos, na medida em que trabalham essencialmente com datas, nomes de locais e acontecimentos pontuais. Enxertos de informação que, através da imersão do leitor na reportagem, ganham ressonância na história dos expedicionários destacados na sessão "Pracinhas". Esta, aliás, por ser o centro gravitacional da produção e sintetizar o grande objetivo deste produto (recuperar as memórias dos veteranos de guerra de Bauru e região), acaba se diferenciando pela linguagem adotada. Para a modulação dos perfis dos pracinhas Armando Pernanchini, Antônio Honório de Lima, Mário Damico, João Mineto e José Jack Dias Pires, portanto, optou-se por uma linguagem mais literária, que permite ao leitor criar maior identificação com suas histórias e experiências, emoções e personalidades, imprescindíveis na apreensão do caráter humano por trás de uma guerra. Isso é reforçado pelos vídeos que compõem essa sessão, como detalhado na descrição do produto no próximo tópico.

Todo processo em torno da escolha dos entrevistados também esteve sujeito às implicações de uma reportagem comemorativa e ao diferencial do conteúdo que apresenta ao público, em sua dimensão regional. A própria opção de trabalhar com historiadores locais, como é o caso de Marcus Carmo e Luciano Dias Pires, faz parte dessa delimitação editorial, por eles estarem mais próximos da realidade das localidades em questão e por conservarem uma profunda ligação com o tema. Marcus, por exemplo, é o principal difusor da história da FEB na região, através das palestras que promove sobre a Força Expedicionária Brasileira, tendo entrevistado muitos pracinhas de várias cidades e trabalhando atualmente na produção de um documentário sobre os brasileiros do interior de São Paulo que foram para a guerra. Luciano Dias Pires, por sua vez, além de ser um memorialista reconhecido em Bauru, tendo papel ativo na conservação das memórias da cidade, era irmão do pracinha José Jack Dias Pires e acabou se tornando testemunha ocular dos acontecimentos desenrolados na região naquela época.

Os cinco pracinhas selecionados para compor a principal sessão da reportagem também se alinham aos propósitos do resgate jornalístico pretendido aqui. Além de serem os únicos ex-combatentes vivos na região, segundo as fontes consultadas (historiadores, órgãos regionais que representam o Exército Brasileiro e os próprios pracinhas), a opção por falar com Armando Pernanchini, Antônio Honório de Lima e

Mário Damico ocorre, especialmente, porque suas histórias conseguem trazer abordagens complementares e abarcar diferentes aspectos das vivências dos soldados no campo de batalha.

Assim, através da história de Pernanchini o ciberleitor é apresentado às dificuldades da guerra; com Antônio Honório de Lima é possível perceber a importância da carreira militar na constituição da identidade desses homens e com Mário Damico chegamos aos ecos da guerra na vida de uma pessoa, seja através das memórias que faz questão de conservar ou da dedicação com que fala sobre tudo o que viveu. Manuel Mineto e Luciano Dias Pires vêm fechar esse ciclo com seu empenho na preservação das histórias de seus familiares (João Mineto e José Jack Dias Pires, respectivamente), evidenciando a forte relação que conservam com o passado deles e como isso ganha ressonância em suas próprias vidas. Condição que evidencia a importância das memórias conservadas por eles.

No que se refere ao projeto gráfico da reportagem, o intuito era estruturá-la de modo que o leitor pudesse discernir, rápida e confortavelmente, aquilo que para ele representa algum interesse dentro das sessões que a compõem, o que também levou à incorporação da barra de navegação no alto da página onde ela está disponibilizada. Ao mesmo tempo, que conservasse a capacidade de explorar sua linguagem multimidiática de modo que os elementos empregados na constituição da produção fossem complementares na construção da narrativa, e não quebrassem o fluxo da leitura. Por isso foi adotada uma coluna diferenciada para viabilizar a interação desses componentes. O que vem ser reforçado pelo emprego de marcadores gráficos, como os símbolos do “Soundcloud” e do “Youtube” utilizados nos trechos do texto que têm relação com os conteúdos de áudio e vídeo disponibilizados ao lado deles.

A base de cores utilizada na composição da reportagem, por sua vez, está atrelada aos tons presentes na farda do Exército brasileiro (verde e preto, essencialmente) e foi incorporada à produção por lhe conferir sobriedade, identidade do conteúdo com o qual trabalha. Nos textos que compõem a reportagem em si, foi usado um mesmo modelo de fonte, que só difere no tamanho conforme sua utilização como marcação de início das sessões, título e subtítulo do texto, com o intuito de organizar os conteúdos disponibilizados. Na sessão “Pracinhas”, no entanto, elas ganham uma função a mais a partir do momento que a fonte é usada em itálico e com uma cor

diferente das demais partes, ajudando a construir a ideia de que ela é o ponto central da matéria. O texto justificado na sessão inicial e nesta foi uma alternativa encontrada para sustentar a centralidade dos textos que conduzem a narrativa da reportagem.

No aspecto visual, as molduras usadas nas fotos e vídeos foram adotadas para remeterem à ideia de algo antigo, como se fossem *polaroids*. O pano de fundo de cada sessão também possui leves detalhes que permitem ao ciberleitor notar a identidade visual de cada uma delas, sendo que a passagem de uma página a outra fica nítida por meio da representação de uma sombra, como se fosse uma sobreposição. Já as cores claras em todas essas sessões e as fontes pretas foram escolhidas para facilitar a legibilidade.

Também é importante destacar que o símbolo da reportagem foi baseado no lema da FEB (“a cobra fumou”) e de uma homenagem que o produtor de animações Walt Disney projetou aos brasileiros a partir de um desenho, conforme relatado na própria reportagem. A escolha da foto de abertura também foi representativa: além de remeter ao título do especial (homens de guerra), ela traz vários dos ex-combatentes da região unidos na época da guerra.

Na sessão “Curiosidades”, por sua vez, os conteúdos foram disponibilizados de forma diferente das demais sessões, a fim de viabilizar uma rápida consulta dos assuntos escolhidos para compô-la, diferentemente do que ocorre nas outras guias que compõem a reportagem. Para isso foram utilizadas galerias e sessões interativas compostas por áudios, textos, imagens e outros documentos.

O conteúdo da reportagem também está adaptado ao acesso por dispositivos móveis, o que exigiu mudanças estruturais de acordo com as exigências da plataforma, a qual trabalha com a verticalização da navegação, evitando que parte do conteúdo horizontal se perdesse. O menu, por exemplo, segue o padrão dos aplicativos de celulares, para que a usabilidade seja facilitada.

### **1.3 Descrição do produto**

A possibilidade de construir um produto jornalístico capaz de mesclar as potencialidades dos meios de comunicação analógicos em um mesmo espaço é uma das

principais contribuições trazidas pela internet. Em função dessa característica, Santaella (2007, p. 84) denomina esse meio como uma “metamídia”, ou seja, um local capaz de absorver e traduzir mídias precedentes e, principalmente, capaz de ir além delas por se colocar em um lugar privilegiado a partir do qual pode descrevê-las.

A integração do texto, das imagens dos mais diversos tipos, fixas e em movimento, e do som, música e ruído, em uma nova linguagem híbrida, mestiça, complexa, que é chamada de hipermídia, trouxe mudanças para o modo como não só o texto, mas também a imagem e o som costumam ser entendidos (SANTAELLA, 2007, p. 84)

A proposta da reportagem “Homens de Guerra: a participação dos pracinhas de Bauru e região na Segunda Guerra Mundial” (disponível no endereço [www.homensdeguerra.com.br](http://www.homensdeguerra.com.br)) foi colocar em prática essa teoria. Para isso, foram estudadas as melhores fórmulas para explorar a potencialidade da internet de criar intercâmbios entre os meios, de forma que estes se complementassem e proporcionassem diferentes experiências para o público.

Obviamente, o tema escolhido também influenciou os caminhos que construíram o conjunto de textos, imagens, áudios e vídeos da reportagem, além da forma como estes se relacionam. A participação dos ex-combatentes de Bauru e região era um assunto pouco explorado pelos meios de comunicação e, portanto, terreno fértil para o aprofundamento do conteúdo. Essa razão, aliada ao aniversário de 70 anos do embarque do primeiro escalão da Força Expedicionária Brasileira para a Itália, representam pontos chave para a escolha da elaboração de uma reportagem especial cujo objetivo era eternizar e divulgar as memórias desses personagens e também preservar os arquivos pessoais (como fotos e documentos) que têm importância histórica não apenas regional, mas até mesmo mundial. Tais aspectos influenciaram a determinação da disposição dos conteúdos.

A proposta da página “A cobra fumou” é permitir que o público possa entender e se sentir dentro da trama que levou aos fatos focados na reportagem. Ela é dividida em duas partes. A primeira, “Da política aos campos de batalha”, tem como função contextualizar os aspectos políticos, econômicos, culturais e sociais da participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial. Também permite entender como ocorreu a criação e a estruturação da FEB, além de trazer alguns detalhes sobre equipamentos, armamentos e outros aspectos que fizeram parte da vivência na guerra. A segunda, “A região de Bauru em tempos de guerra”, busca mostrar o clima vivido na região de origem dos ex-

combatentes e do principal público-alvo da reportagem. Ela traz informações, curiosidades e documentos do período.

Já a página “Pracinhas” apresenta as histórias dos ex-combatentes da região. Inicialmente, há um breve texto de apresentação cujo objetivo é situar o internauta sobre o que será tratado na sequência e também apresentar informações como a média de idade de quando partiram para a guerra e a procedência do termo “pracinha” (como foram apelidados em referência ao termo praça, que são os soldados, cabos, sargentos e subtenentes do Exército), utilizado para fazer referência a eles ao longo da reportagem. Na sequência, observa-se a foto e uma breve descrição de cada um dos pracinhas ou familiares entrevistados que também servem como hiperlinks para as histórias.

Essas duas partes - “A cobra fumou” e “Pracinhas” - representam o coração do site. Ou seja, é nelas que se encontra o foco do trabalho. Contudo, como dito anteriormente, o objetivo principal é a preservação e divulgação das histórias e peculiaridades dos ex-combatentes da região de Bauru. Portanto, essa segunda página contou com recursos que chamassem mais atenção.

Primeiramente, é preciso destacar que essa foi uma importante razão para a escolha do título e subtítulo do trabalho. Outra forma de levar o foco para essa página foi a utilização de vídeos com os relatos pessoais para compor os perfis, sendo que as demais abas do site não utilizaram esse recurso audiovisual. Estes permitem que o público possa ter contato mais próximo com os sentimentos demonstrados pelos ex-combatentes, por meio da voz e das expressões gestuais, o que não ocorreria caso a narrativa fosse apenas textual.

O recurso audiovisual, aliás, também foi adotado como forma de preservação da memória dos ex-combatentes, que representam a fonte primária de consulta e do próprio evento histórico. Os relatos, com suas riquezas e credibilidade, poderiam se perder ao longo do tempo por falta de preservação dessas memórias. Esses vídeos, portanto, foram utilizados com papel de destaque para aprofundar o relato textual e, principalmente, para dar voz aos próprios autores do fato histórico. Deve-se lembrar, ainda, que houve espaço para a disponibilização de fotos dos acervos pessoais dos ex-combatentes, também com objetivo de manter vivas as lembranças que estavam, até o momento, guardadas em arquivos familiares e, portanto, sem acesso para o público que se interessa pelo tema. O objetivo, portanto, é que o internauta possa conhecer a memória

do ex-combatente por meio da narrativa textual, mas que tenha a opção de obter mais detalhes ao assistir aos vídeos com os trechos principais dos relatos. Estes foram selecionados de forma a complementar a história.

Com isso, os vídeos também aproveitam o potencial da internet em termos de espaço, ou seja, as informações contidas neles poderiam estar em grandes blocos de texto em uma mídia impressa (ou até mesmo na própria internet, como muitos sites têm produzido), exigindo atenção por um período mais longo, o que não é uma característica do público desse meio. Também restringiria a possibilidade deste de explorar o conteúdo e construir a própria narrativa, como ocorre ao optar por consumir cada meio (texto, imagem ou vídeo) na ordem que desejar. Como lembra Pierre Lévy (1996, p. 43-46):

O hipertexto, hipermídia ou multimídia interativo levam adiante, portanto, um processo já antigo de artificialização da leitura. Se ler consiste em selecionar, em esquematizar, em construir uma rede de remissões internas ao texto, em associar a outros dados, em integrar as palavras e as imagens a uma memória pessoal em reconstrução permanente, então os dispositivos hipertextuais consistem de fato uma espécie de objetivação, de exteriorização, de virtualização dos processos de leitura. (...) As costuras e remissões, os caminhos de sentido originais que o leitor inventa podem ser incorporados à estrutura mesma dos corpos. A partir do hipertexto, toda leitura tornou-se um ato de escrita.

A internet possibilitou um avanço considerável nesse processo de construção da narrativa pelo próprio público. Isso pode ser visto tanto na relação entre as sessões do site, por meio dos hiperlinks, quanto em cada texto acompanhado pelos vídeos, fotos etc. A mudança de entendimento de cada um dos recursos informativos, destacada por Santaella (2007, p. 84), fica evidente na reportagem. No caso da estrutura deste trabalho, a ideia foi permitir que o ciberleitor pudesse escolher entre uma narrativa linear - na qual segue a ordem dos textos de forma verticalizada - ou ramificada, construindo a leitura por meio da navegação pelo menu. Ele ainda tem a opção de misturar as duas possibilidades, lendo uma sessão completa linearmente, por exemplo.

A respeito dos meios de informação utilizados, os textos representam o fluxo central da narrativa, mas os áudios e vídeos trazem conteúdos adicionais que aprofundam o conteúdo, criando um intercâmbio entre eles que não ocorre em outros veículos. Os áudios e vídeos, portanto, não são utilizados como no rádio e na televisão, respectivamente. Nestes, pequenos trechos são inseridos nas matérias, sobretudo por darem mais credibilidade ao produto ao abrirem espaço aos especialistas no tema e aos

próprios personagens das histórias relatadas. No ciberespaço, essa função é ampliada e o público escolhe o que e como quer se aprofundar, já que a narrativa nos outros meios segue um curso linear, enquanto a internet permite que o ciberleitor escolha se consumirá determinado conteúdo e em que sequência fará esse caminho.

A respeito da página “A cobra fumou”, por exemplo, o principal recurso utilizado para o cumprimento do objetivo de situar o internauta a respeito do tema foi o texto. Os áudios das entrevistas com historiadores da região serviram como aprofundamento do conteúdo, complementando o que foi exposto. Contudo, o internauta também pode escolher a ordem em que consumirá cada recurso e até mesmo se optará por um ou outro. O mesmo ocorre com as fotos e suas respectivas legendas.

As outras duas sessões do site são denominadas “Curiosidades” e “Memória Viva”. A primeira serve como um espaço de conteúdo complementar, ou seja, tratam-se de reportagens, galerias e outros formatos interativos que objetivam aprofundar o especial multimídia. As temáticas passam por elementos curiosos sobre a região de Bauru, mas também outras informações sobre o contexto histórico e as vivências da FEB na Itália. Já a página “Memória Viva” destina-se a disponibilizar alternativas para que o ciberleitor obtenha outras informações sobre a história da FEB, com sites oficiais, documentários, reportagens.

#### **1.4 Circulação e lançamento**

O produto foi criado e disponibilizado na web, tendo como principal intuito a circulação entre a população de Bauru e região, além de atingir historiadores e outros interessados no tema, como ex-combatentes, familiares e estudiosos do assunto, de qualquer localidade. O lançamento ocorreu em 2014 por se tratar de um especial multimídia em comemoração aos 70 anos do embarque do primeiro escalão da Força Expedicionária Brasileira para a Itália - completados no dia 2 de julho do ano em questão.

## 1.5 Fontes e entrevistados

Fator determinante para a escolha das fontes foi a abrangência do conteúdo. O especial multimídia desenvolvido neste trabalho teve como recorte a região de Bauru. Por esse motivo, os ex-combatentes entrevistados foram determinados pelas suas cidades de origem. Critério semelhante foi utilizado entre os historiadores que participam da reportagem. Neste caso, tratam-se dos principais memorialistas da região nos temas abordados. Além deles, houve consulta ao Arquivo Histórico do Exército (AHEx) e à 6ª Circunscrição de Serviço Militar (6ª CSM), unidade do Exército Brasileiro localizada no município de Bauru, responsável pelo alistamento, incorporação, licenciamento e mobilização dos cidadãos da mesorregião de Bauru, Marília, Presidente Prudente, Araçatuba e Assis.

Também aconteceram consultas a membros da Associação dos Ex-combatentes da Segunda Guerra Mundial de Bauru, composta pelos pracinhas, mas também por pessoas interessadas no tema. Contudo, a instituição já não se encontra em atividade como há alguns anos em função da idade avançada de seus integrantes. A contribuição se deu sobretudo por cederem livros e documentos sobre a época. Houve procura por informações também no Museu Histórico Municipal de Bauru, que declarou possuir medalhas, fardas e outros utensílios utilizados pelos ex-combatentes, mas os mesmos não poderiam ser consultados em função da preservação dos objetos.

Outras fontes de consulta foram jornais, documentários, sites e outros produtos midiáticos de diversos momentos históricos, incluindo acervos da época, mas também especiais que rememoram o período. Outras relevantes fontes de informação foram livros e pesquisas científicas. Todos esses locais de consulta encontram-se discriminados nas referências deste relatório.

### **Edson Fernandes**

Professor de História, na época da entrevista residente em Lençóis Paulista, é o principal historiador desta cidade. Apesar de seu trabalho de pesquisa estar mais centrado no século XIX, algumas das informações que ofereceu foram de grande valia para a composição do contexto político, social e econômico da região na época da

Segunda Guerra Mundial. Ele também disponibilizou uma lista com nomes de pracinhas oriundos de Lençóis Paulista e Macatuba.

### **Luciano Dias Pires**

Escritor, jornalista e memorialista bauruense, é um profundo conhecedor da história de Bauru e o idealizador do encarte Bauru Ilustrado do Jornal da Cidade (JC). Adolescente na época da guerra, era irmão de José Jack Dias Pires, um dos milhares de pracinhas que foram para os campos de batalha italianos. Acompanhou de perto o desenrolar da guerra, sendo testemunha de seus desdobramentos na região e tendo vivenciado as experiências de dezenas de famílias brasileiras que tiveram seus filhos, netos e irmãos enviados para a Europa.

### **Marcus Carmo**

Professor de História, é natural da cidade de Jaú. Apaixonado pelo tema, ele promove palestras sobre a Força Expedicionária Brasileira (FEB) na região e já entrevistou dezenas de pracinhas ao longo dos últimos anos, especialmente aqueles que atualmente vivem no interior do Estado de São Paulo. Atualmente, também participa da produção de um documentário sobre a participação de pracinhas do interior de São Paulo na Segunda Guerra Mundial.

### **Neuza Matos**

Uma das três irmãs do pracinha Raimundo Matos, é uma senhora de mais de oitenta anos que guarda como lembranças do irmão - que morreu ainda na década de 1950 em decorrência de complicações de saúde oriundas do tempo que permaneceu na Itália - um crucifixo que ele trouxe de Roma, onde foi conhecer o Papa, a insígnia do Brasil que carregava na farda e uma fotografia onde este aparece ao lado de dois companheiros de guerra. A entrevista que concedeu às autoras deste trabalho foi uma das primeiras realizadas na produção da reportagem, mas, por condições técnicas e a escassez de informações que dispunha sobre a trajetória do irmão na guerra, acabou sendo ocultada do corpus final da produção. De todo modo, foi importante por

apresentar o panorama por trás da história de muitos expedicionários, cuja única forma de manter vivas suas memórias é através das lembranças de familiares como Dona Neuzinha (como é carinhosamente chamada pelos amigos).

### **Armando Pernanchini**

Membro da 1ª Companhia de Petrechos Pesados (CPP I), que pertencia ao 6º Regimento de Infantaria da FEB, Armando Pernanchini trabalhava como marceneiro antes de ir para a Itália. Ainda durante a juventude, perdeu o pai, que foi assassinado. Com isso, passou a ajudar a mãe e os sete irmãos com as despesas domésticas. Durante a guerra, presenciou a rendição de 15 mil soldados da 148ª Divisão Alemã, um dos fatos que mais surpreenderam os brasileiros na Itália. Após a volta da guerra, trabalhou na Polícia Rodoviária do Estado de São Paulo, criada em 10 de janeiro de 1948 com um efetivo de 60 homens, sendo todos ex-combatentes da FEB.

### **Antônio Honório de Lima**

Na época em que foi convocado pelo Exército Brasileiro, Antônio Honório de Lima trabalhava no campo com a família. Nascido em Agudos, ele foi incorporado ao Regimento Sampaio, unidade que integrou o 1º Escalão da FEB. Ele participou diretamente de batalhas decisivas, como a vitória em Monte Castelo, a principal dos brasileiros. Após a guerra, trabalhou na Polícia Militar do Estado de São Paulo.

### **Mário Damico**

Tinha 22 anos quando foi convocado para a guerra. Natural de Macatuba, permaneceu na Itália entre 8 de fevereiro e 4 de setembro de 1945, tendo sido incorporado ao Depósito de Pessoal da FEB, sediado no acampamento da organização, na região na Florença. Não chegou a ir para o *front*, mas participou dos treinamentos promovidos pelos norte-americanos nas montanhas italianas. Criado dentro de uma família de agricultores, manteve sua ligação com o campo depois que voltou da Itália, seguindo os passos dos pais descendentes de italianos.

### **Manuel Mineto**

Um dos filhos do pracinha João Mineto, é o membro da família que conserva uma maior identificação com o passado do pai e quem se incumbiu de guardar todo material histórico acumulado por ele desde sua volta da Itália, após seu falecimento aos 88 anos de idade, há cerca de cinco anos.

### **1.6 Equipamentos utilizados e custos**

Para a gravação das entrevistas em vídeo foi utilizada uma câmera Nikon D5000, com lente de 50 mm, sustentada por um tripé. Em todas as entrevistas também se usou gravadores digitais. Entre os materiais ainda estavam um HD externo com capacidade de 1T, cartão de memória de 16GB e um notebook Positivo Sim+ com 6GB de memória e HD de 500GB. A edição dos vídeos ocorreu por meio do software Adobe Premiere Pro CS6 e dos áudios pelo Audacity. Também fizeram parte dos materiais: cadernos, folhas sulfite e canetas esferográficas.

<b>Material permanente</b>		
<b>Especificação</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Custo</b>
Câmera Nikon D5000	1	Sem custo
Lente de 50 mm	1	Sem custo
Tripé	1	Sem custo
Notebook Positivo Sim+	1	Sem custo
Cartão de memória 16GB	2	R\$ 43,00
HD externo 1 T	1	R\$ 280,00
Desenvolvimento de site	1	R\$ 1.200,00
Hospedagem de site anual	1	R\$ 350,00
<b>Total</b>		<b>R\$ 1873,00</b>

<b>Material de consumo</b>		
<b>Especificação</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Custo</b>
Caderno 96 folhas	1	R\$ 9,49
Pacote folhas sulfite 100 folhas	1	R\$ 2,99
Caneta esferográfica	2	R\$ 1,50
Total		R\$ 13,98

<b>Orçamento Final</b>	
Material permanente	R\$ 1873,00
Material de consumo	R\$ 13,98
Total	R\$ 1886,98

### **1.7 Atividades desenvolvidas**

A busca por informações para os passos iniciais do projeto ocorreu, inicialmente, por meio de consultas a instituições e pessoas que pudessem representar o Exército Brasileiro na região de Bauru. Na etapa das entrevistas, coube às autoras a preparação dos roteiros que iriam basear a condução das perguntas. Também a elas ficou a incumbência de preparar os equipamentos e manipulá-los durante as gravações, bem como a edição desses conteúdos. Já a construção gráfica do site coube à empresa Indexnet, sempre contando com as indicações e supervisão das autoras, que orientaram a respeito da disposição e das características do produto.

## 2 COMENTÁRIOS

### 2.1 Dificuldades encontradas

O primeiro desafio encontrado no desenvolvimento da reportagem deveu-se à abrangência do conteúdo, limitado à região de Bauru. O material que se encontra sobre a FEB, em grande parte, está centrado na figura de pracinhas conhecidos e que vivem nas capitais ou cidades de grande e médio porte. Por isso, as informações necessárias para o desenvolvimento do trabalho estavam em documentos guardados em acervos pessoais de historiadores e ex-combatentes. Os museus municipais, os órgãos representantes do Exército Brasileiro e as Associações de Ex-combatentes da Segunda Guerra Mundial também não contavam com informações muito precisas a respeito do tema a partir do enfoque pretendido. Portanto, boa parte delas foi buscada em jornais da época e pelas entrevistas com os historiadores, pracinhas e militares ligados às cidades que integram a microrregião de Bauru e puderam compartilhar documentos e informações.

Também é importante ressaltar que os depoimentos dos pracinhas foram fonte primária das memórias para a construção de seus perfis na reportagem, sendo que se tornou necessária a apuração de algumas informações para garantir a precisão dos dados. Até mesmo informações sobre os regimentos em que serviram ou localidades pelas quais passaram antes de chegarem aos campos de batalha ficaram nebulosas em muitos momentos, algo que já era previsto em função de todos terem noventa anos ou mais e isso se refletir no resgate de suas memórias, apesar de terem muita clareza sobre tudo o que viveram, mesmo passados quase setenta anos desde o fim da guerra. Muitas das memórias que se encontram nos perfis disponíveis no site foram comprovadas por álbuns de fotografias pessoais, jornais da época e documentos, como os Certificados de Reservistas e os Diplomas da Medalha de Campanha, por exemplo. Alguns destes certificados, contudo, apresentavam discrepâncias em termos de datas, o que levou a evitar utilizar esse tipo de dado na composição do perfil dos expedicionários.

Outra dificuldade que marcou as entrevistas foi a debilidade física dos pracinhas. Esse fato dificultou até mesmo o agendamento das entrevistas. Ocorreram, por exemplo,

adiamentos em função de problemas de saúde dos ex-combatentes, bem como outras dificuldades durante a realização das mesmas. No caso do pracinha Antônio Honório de Lima, seus problemas de audição tornaram a condução da conversa extremamente árdua. O processo de comunicação, essencialmente, foi prejudicado, uma vez que foram raras as perguntas que ele conseguiu compreender com clareza. Para além do fato da entrevista ter durado cerca de duas horas, o que certamente foi cansativo para ele, sua irritação e nervosismo ante a dificuldade para ouvir foi um fator estressante e prejudicou a exploração das suas experiências e histórias. Também se somou a isso o fato dele ainda estar debilitado por ter saído do hospital poucos dias antes da entrevista ser gravada. A presença de uma de suas filhas durante a conversa foi importante por atuar como uma ponte entre entrevistador e entrevistado, por ter mais familiaridade com ele e auxiliá-lo a sentir-se mais à vontade. Estratégia que acabaríamos adotando nas demais entrevistas.

Os veteranos Mário Damico e Armando Pernanchini também contam com problemas de audição, mas em um grau menor, o que atrapalhou a condução da gravação em alguns momentos. Além desse percalço, a idade avançada exigiu vários cuidados, como algumas pausas pela dificuldade de se manterem em uma mesma posição por um longo período. Foram necessárias algumas interrupções e também adaptações nos locais onde estavam sentados, para que pudessem ficar mais confortáveis.

## **2.2 Considerações finais**

Quando a ideia desta reportagem nasceu, ela veio atender uma curiosidade histórica de suas autoras sobre a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial. Logo, conhecendo um pouco sobre o assunto e cientes das dificuldades enfrentadas pela Associação dos Ex-Combatentes de Bauru para se manter atuante, especialmente pela idade avançada dos pracinhas remanescentes na cidade, ficou evidente a importância de um trabalho jornalístico que se propusesse a promover um resgate de suas memórias. Antes que elas se perdessem definitivamente.

E foi justamente esse propósito que norteou o trabalho no decorrer de sua produção. A cada etapa, era reafirmado o objetivo de garantir que a peça jornalística moldada através das histórias e experiências dos expedicionários cumprisse seu papel de agente catalisador do interesse público inerente aos desdobramentos de um esquecido capítulo da história brasileira. As dificuldades, certamente, existiram, mas a consolidação de um trabalho cujas marcas podem ser percebidas na simples satisfação de pessoas comuns que, mais uma vez ou pela última vez, tiveram a oportunidade de ver seus sacrifícios e feitos reconhecidos, por si só, evidencia o real propósito de uma prática profissional onde o fator humano muitas vezes é delegado a um segundo plano, quando pode e deve assumir seu protagonismo.

A imersão num formato jornalístico latente como a reportagem multimídia é outra variável que vem agregar valor ao trabalho final. Em primeiro lugar, porque desloca uma série de concepções calcadas na formação de jornalistas para atuar em veículos impressos, colocando-os ante o desafio de aprender a pensar no texto, na imagem, no áudio e no vídeo como partes de um todo, capazes de articularem-se e produzirem sentidos. As possibilidades de imersão e profundidade nascidas com esse novo formato, por sua vez, é um rico campo de análise que, colocado em perspectiva, pode ser fonte de respostas para muitas das perguntas acerca dos destinos do jornalismo. Discussão imprescindível num momento onde a palavra “crise” ganha espaço e nos convoca a olhar para esse campo profissional como o repositório de questionamentos que devem ser levados à esfera pública, assim como ressalta Karam (2004, p. 36):

O conhecimento proporcionado pelo jornalismo não é, contudo, o da essência das coisas, embora alguns relatos, opiniões e versões possam aproximar-se disso [...] Acontece que tal conhecimento aparente é também referência para a escolha, para o entendimento do mundo além do sentido comum. Ao mesmo tempo, embora não corresponde à essência de um fenômeno, pela linguagem e pelo fato jornalístico transparecem também a ciência e a filosofia, modos de ver a vida, opiniões sobre o mundo, percepções sobre a existência, versões contraditórias, que contribuem para o debate no espaço público que envolve o interesse coletivo.

Enquanto espaço de experimentação, o universo acadêmico nos permite comprar riscos e é justamente nesse limiar que a produção desta reportagem se situa, enquanto trabalha com o novo. Seja na imersão em um formato jornalístico que desponta como novidade ou no resgate de um tema que, apesar de situado no passado, conserva seus

ecos no presente. O resultado é uma produção que, mesmo diante das dificuldades técnicas, tentou unir essas duas dimensões.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Marialva. **Meios de comunicação e usos do passado**: temporalidade, rastros e vestígios e interfaces entre comunicação e história. In: RIBEIRO, A.P.G; HERSCHMANN, M. (Org.). Comunicação e história: interfaces e novas abordagens. 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008. cap. 2. p. 83-96.

BRAGA, Rubem. **Crônicas da guerra**: com a FEB na Itália. Rio de Janeiro: Ed. do Autor, 1964.

BRANCO, Manoel Thomaz Castello. **O Brasil na II Grande Guerra**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1960.

BRAYNER, Floriano de Lima. **A verdade sobre a FEB**: memórias de um chefe de Estado-Maior na campanha da Itália: 1943-1945. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

CARRARO, Renata et all. **Repórter Multimídia**: a grande reportagem na internet. In: Anais do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Ouro Preto – MG, 2012.

CASADEI, Eliza Bachega. **Jornalismo e resignificação do passado**: os fatos históricos nas notícias de hoje. 2010. 250 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Comunicação) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.

COSTA, Octavio. **Cinquenta anos depois da volta**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1995.

\_\_\_\_\_. **Trinta anos depois da volta**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1976.

DALMONTE, Edson. **A hipótese dos usos e gratificações aplicada à internet**: deslocamentos conceituais. In: Contemporanea - Revista de Comunicação e Cultura, Vol. 6, No 2, 2008.

GONÇALVES, José. **Irmãos de armas**: um pelotão da FEB na II Guerra Mundial. São Paulo: Códex, 2005.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

KARAM, F. J. C. **A ética jornalística e o interesse público**. São Paulo, Summus, 2004. 274 p.

LENZI, Alexandre. **O desafio da produção de conteúdos noticiosos multimídia no cenário da convergência**: a experiência dos repórteres do Diário Catarinense. Estudos em Jornalismo e Mídia - Vol. 9 N° 1 – Janeiro a Junho de 2012.

LÉVY, Pierre. **O que é virtual?**. São Paulo: Editora 34, 1996.

LINS, Maria de Lourdes Ferreira. **A Força Expedicionária Brasileira**: uma tentativa de interpretação. São Paulo: Editoras Unidas, 1975. 285 p.

MALIK, Om. **O projeto "Snow Fall" e o futuro do jornalismo**. Disponível em <[http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/\\_ed746\\_o\\_projeto\\_snow\\_fall\\_e\\_a\\_o\\_futuro\\_do\\_jornalismo](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed746_o_projeto_snow_fall_e_a_o_futuro_do_jornalismo)>. Acesso em: 20 dez. 2013.

MOCELLIN, Fernando Péreyron. **A missão 60**. Rio de Janeiro: Adler Editora, 2012.

MORAES, J.B. Mascarenhas de. **Memórias**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1969.

\_\_\_\_\_. **Memórias** – Volume II. 2.ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1984

MOREIRA LIMA, Rui. **Senta a Pua**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1980.

\_\_\_\_\_. **O Diário de Guerra**. Rio de Janeiro: Editora Adler, 2008.

PINHEIRO, José Juarez Bastos. **A Força Expedicionária Brasileira na II Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: [s.n.], 1980.

RAMOS NETO, Roberto Pessoa. **Diário de um Herói de Guerra**. Rio de Janeiro: Adler Editora, 2005.

RAYMUNDO, Rafael. **Navegação em um infográfico multimídia na web**: aspectos de produção e recepção. In: Anais do III ENCONTRO NACIONAL SOBRE HIPERTEXTO Belo Horizonte, MG – 29 a 31 de outubro de 2009.

ROSA, Alessandro dos Santos. **A reintegração social dos ex-combatentes da Força Expedicionária Brasileira (1946-1988)**. 2010. 103 f. Dissertação (Mestrado em História) - Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

SALUN, Alfredo. Notícias sobre o Brasil na guerra e a criação da FEB. In: OLIVEIRA, Dennison (org.). **A Força Expedicionária Brasileira e a Segunda Guerra Mundial**: Estudos e Pesquisas. Rio de Janeiro: Centro de Estudos e Pesquisas de História Militar do Exército, 2012.

SANTAELLA, Lucia. **As linguagens como antídotos ao midiacentrismo**. In: Revista Matrizes, v.1, n.1, 2007.

SILVA, M. V. M; FOLY. F. M. **Força Expedicionária Brasileira**: 70 anos. Uma análise política do processo de negociação, criação e dissolução. Revista Brasileira de História Militar, Rio de Janeiro, n. 11, p. 11-29, ago. 2013.

SILVEIRA, Joel. **O Inverno da Guerra**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

SPINELLI, Egle; Ramos, DANIELA. **A reportagem multimídia no Clarín.com e a pesquisa por uma linguagem digital**. In: anais do XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Santos – 29 de agosto a 2 de setembro de 2007.

VILAS BOAS, Sérgio. **O estilo magazine: o texto em revista**. 4. ed. São Paulo: Summus, 1996.

YOUNG, Peter. **A Segunda Guerra Mundial**. São Paulo: Melhoramentos, 1980.